

Educação, corporeidade e literatura: Relações possíveis

Acássia Gomes de Brito
Instituto Federal da Bahia – Bahia

Sueli Bonfim Lago
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Bahia

Leonardo Rangel dos Reis
Instituto Federal da Bahia – Bahia

1 INTRODUÇÃO

As metodologias educacionais centradas em desenvolver a capacidade interpretativa, a partir de uma lógica da representação do conhecimento, que privilegia a racionalidade, relegando a sensibilidade e a percepção a uma categoria de conhecimento duvidoso, impreciso, valorizando a chamada “educação da cabeça”, relegam o lugar do corpo enquanto possibilidade e condição de apreensão da realidade. Concepções baseadas em dicotomias que reduzem o conhecimento ao seu aspecto reflexivo e conceitual, distancia-o dos movimentos, das vivências e experiências advindas da relação do ser no/do/com (o) mundo. É a partir dessas considerações que a compreensão do corpo como base da nossa integração com o mundo precisa configurar nos objetivos e práticas educacionais, uma vez que sem o corpo não há mundo e sem o mundo não há corpo. O objetivo proposto aqui é discutir a importância da ambiência e suas relações intercorpóreas no ensino de literatura, em especial, na poesia slam.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia proposta consiste de uma revisão de literatura, tomando por base teóricos contemporâneos que discutem sobre corporeidade, percepção, ambiente, linguagem corporificada, poesia slam, como: Merleau-Ponty (1999, 2004), Tribaud (2012), Max Johnson (2021), Roberta Estrela D'alva (2011), entre outros.

3 RESULTADOS

Ao analisar a ideia de ambiência, Tribaud (2012, p. 9) ressalta que esse conceito tem sofrido reformulações, se constituindo como uma questão bastante complexa. O autor afirma que “ambiência é definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos”. Ora, ainda que Tribaud (2012) se refira a uma pesquisa na área de arquitetura e urbanismo, aqui uma questão nos interessa; a posição que os sentidos passam a ter na



definição de ambiência. A visão de que existe um mundo “fora de nós” e um mundo “dentro de nós”, perde sua força argumentativa. Na medida em que, existe um imbricamento entre mundo e indivíduo e que não se pode pensar em um sem o outro, evidencia, por outro lado, a impossibilidade de pensar o homem enquanto dotado de uma essencialidade racional, tributária de uma concepção que separa mente e corpo enquanto substâncias de naturezas distintas.

A dualidade mente e corpo na tradição da filosofia sempre foi um ponto crucial de investigação, já que essa questão define a relação de acesso ao mundo, seus limites e, conseqüentemente, direciona a nossa forma de fazer ciência, de orientar os saberes de um modo geral. Já não cabe mais se pensar na dualidade mente /corpo nos modos clássicos ou modernos, uma vez que, as concepções de ambiente, de homem e de cultura não podem mais serem consideradas de modo excludentes, isoladas, mas, como “uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (Ingold, 2012a, p. 27).

A exemplo de posturas filosóficas que recusam o dualismo mente e corpo, Merleau-Ponty (1999) foi muito preciso e inovador, ao analisar a questão da percepção e ressaltar o papel do corpo ao conhecimento. Ele rejeitou o argumento do cogito cartesiano que defendia a supremacia da consciência pura e a suspeição dos sentidos, afirmando que para superar a distinção entre a consciência e os objetos da consciência, seria necessário “não considerar inicialmente a consciência pura, mas voltar à própria percepção; tomar a consciência já em obra, já situada, não confiar em uma noção esquemática da consciência” (2016, p.35). E afirma na Fenomenologia da percepção (1999, p.5), que o mundo nos é dado, antes de qualquer análise que se possa fazer dele, “e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações, depois os aspectos perspectivos do objeto, quando ambos são justamente produtos da análise e não devem ser realizados antes dela”.

Abrindo um pequeno viés e trazendo a discussão para o âmbito da educação, poderíamos dizer que metodologias inspiradas nas teorias de abordagem cognitivista carecem de serem revistas. Estas afirmam que “a cognição é uma relação entre um sujeito e um objeto, constituindo um espaço de representação” (Kastrup, 2005, p.1275). E a partir da aceitação da relação mediatizada do sujeito e do objeto como condições prévias do conhecimento, investigam “leis e princípios invariantes, que funcionariam como condições de possibilidade do funcionamento cognitivo” (Idem, ibidem). Defendem que o sistema cognitivo atua porque existe um mundo independente dele e que opera de forma previsível, uma vez identificada as leis que o regem. Deixando de certa forma, relegada a criatividade, a afetividade, centrando-se mais nos aspectos informativos do conhecimento. Wrathall (2012), ao defender a fenomenologia existencial - que entende a realidade não como apartada, separada, desinteressada, mas como envolvimento, revelação, manifestação dos fenômenos e, que, estes independem do que possamos pensar sobre eles - afirma que “para compreender como as coisas podem manter-se afastadas e, ao mesmo tempo ser dadas a nós, depende de que se entenda como podem ter um significado que não pertence a ordem do pensamento” (Idem, p.46).



O processo ensino-aprendizagem, organizado em pressupostos dualistas, cognitivistas que relegam a importância da percepção e do movimento, desconsideram a noção atual de ambiência e suas reverberações para o próprio conhecimento e sua difusão. A construção e constituição da obra literária, deve ser compreendida como um movimento de coalescência, de abertura da sensibilidade, o que permite o aguçar da fabulação, evocando a criatividade e a imaginação num verdadeiro processo de co-criação no/do/com (o) mundo.

Neste sentido, a linguagem supera a ordem do simbólico e passa a ser a expressão de um ser encarnado que se abre ao mundo através de um corpo fenomenal, que age e que se emaranha com ele. Isso se configura a partir das experiências, das vivências, dos imbricamentos no seu fazer-se diário, em que o subjetivo, o intersubjetivo, o pessoal, o interpessoal, o corporal, o intercorporal acontecem em um único movimento.

Segundo Johnson (2021), é preciso reconsiderar a abordagem idealista “descorporificada” da linguagem, para uma abordagem corporificada, em que o enfoque não se centre apenas em explicações da ordem da sintaxe, semântica e estilística, mas, que atente para o momento singular do acontecimento da percepção como elemento fundante do processo de elaboração da linguagem. Johnson (2021) defende que, “a linguagem é intimamente moldada por todos os aspectos de nosso estar no mundo corporificado – da percepção ao movimento, ao sentimento.” (Idem, p. 120).

Assim, é preciso pensar a literatura a partir do papel que o corpo ocupa na própria constituição da linguagem, entendida enquanto corporificada. Tal posicionamento, atenta para a espontaneidade das experiências encarnadas no fazer literário, em que o texto deixa de ser um artefato fabricado, para ser a expressão de uma poesia que fala.

Neste sentido, a prática da poesia slam se apresenta como um fazer literário, em que a linguagem corporificada se afigura em toda sua potência. Um fazer literário que supera a tradição ao incorporar a poesia, um estado de vivência e compartilhamento de experiências imediatas, que brotam a partir de um coletivo de vozes, considerando tudo que é “pulsante” e “vivo”, em que a oralidade irrompe como uma força que não se atem a nenhum anteparo, ao seguir os fluxos dos movimentos corredios e fugazes do cotidiano desses poetas.

Na batalha de poesia slam não se objetiva formar grandes poetas/autores, mas celebrar a comunhão do grupo, ressaltando a importância da comunidade, termo que “define bem os grupos que “praticam” a poesia slam, já que esses vêm se organizando coletivamente em torno de um interesse comum” (D’alva, 2011, p. 121), qual seja; a experiência coletiva do fazer poesia.

Estes poemas buscam capturar a vida no sentido mais originário do termo, no momento do próprio acontecimento, do sentir/fazer, investidos de atenção e escuta, entregues na “permanente e cotidiana descoberta das coisas” (Alves, 2003, p. 62). Promulgando a liberdade de expressar os seus sentimentos,



vivências, experiências, batalhas sentidas em sua própria carne. Como uma poesia gestada como “carne do mundo”, nas palavras de Merleau-Ponty (2004, p. 15), mundo feito do mesmo “estofado de corpos”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer da poesia slam nos permite vislumbrar um outro modo de fazer/sentir/pensar o ensino de literatura, não pautado exclusivamente na pura abstração ou aplicação de regras e teorias como propõe a tradição, mas que seja a expressão das experiências e vivências cotidianas, das ambiências, como uma “literatura corporificada”¹, inerente a construção do próprio fazer literário.

Palavras-chave: Literatura, Corporeidade, Ambiência, Poesia slam.

¹ Expressão usada pela autora Acássia Gomes de Brito na sua pesquisa de mestrado.



REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, Nº 23, maio/jun/jul/ago. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2003.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126, 2011.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012a.

JOHNSON, Mark. A corporificação da linguagem. In: Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas. Ralph Ings Bannell, Mylene Mizrahi, Giselle Ferreira (orgs.). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021.

KASTRUP, Virginia. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. S. Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. Tradução de Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A união da alma e do corpo em Malebranche, Biran e Bergson. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

WRATHALL, Mark. Fenomenologia existencial. In: DREYFUS, Hubert, WRATHALL, Mark(org.). Fenomenologia e Existencialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2012.